

STAR CRAFT II

LEGACY OF THE VOID™



BILZARD
ENTERTAINMENT

BLIZZARD ENTERTAINMENT

FILHOS DO VAZIO

Por Matt Burns

Um observador camuflado sobrevoava o céu sombrio de Shakuras. Era um dos muitos drones que patrulhavam o planeta noite e dia. Aquele rastreava uma rota de vigilância em uma pequena seção no centro da capital, Talemатros.

A cidade se estendia por quilômetros em todas as direções, uma vasta expansão de metal e pedra que parecia uma grande pele de réptil. Milhares de torres pontiagudas irrompiam da superfície. Uma densa camada de névoa refratava e difundia a luz dos cristais que pontilhavam todo o cenário. Tudo estava quieto àquela hora da noite. A maioria dos protoss de Aiur e dos Nerazim que viviam em Talemатros estava dormindo. Os únicos movimentos que o observador detectava era o das sentinelas e de outros drones de segurança espalhados pela cidade.

A matriz sensorial bulbosa do observador girava de um lado a outro como um grande olho de inseto, absorvendo os detalhes. O drone determinou que muito do que estava registrando não tinha importância. Seu principal objetivo era proteger os residentes de Talemатros de perigos. E isso incluía a potencial ameaça que uns podiam representar para os outros.

O observador não era capaz de entender as sutilezas da relação entre os Nerazim e os protoss de Aiur, nem os motivos pelos quais a tensão entre os dois grupos tinha atingido o ápice recentemente. O drone só tinha uma diretriz: ajudar a preservar os Daelaam, o governo da coalizão.

Sem notar nada de extraordinário, o observador se preparou para dar meia-volta e retornar pela rota pré-programada. Foi quando ele detectou a anomalia. Alguma coisa tinha mudado na Cidadela, a sede dos Daelaam. Nenhum alarme tinha soado no prédio, mas as sentinelas tinham se desligado.

O propulsor gravitacional levou o observador em direção à Cidadela para investigar. A estrutura piramidal assomava sobre a névoa que escondia a maior parte da cidade. Intrincados padrões geométricos se cruzavam sobre a superfície brilhante da liga metálica. O prédio ficava em cima de um disco gigantesco que frequentemente levitava durante o dia, erguendo a Cidadela no ar. Mas, à noite, ele ficava no chão. Havia um longo estandarte pendurado numa janela perto do topo da Cidadela, ostentando quatro círculos tangentes internos — o símbolo dos Daelaam — costurados em fios de ouro.

O observador parou e ficou pairando a alguns metros da janela. Então enviou uma consulta às sentinelas paradas dentro do prédio. Não houve resposta.

Alguém se mexeu do outro lado da janela, usando um campo de camuflagem. Os sensores do observador detectaram um protoss nerazim do sexo masculino. Seus olhos eram verdes, não

azuis como os dos protoss de Aiur. Os cordões nervosos em sua nuca tinham sido cortados, como era a prática entre os Nerazim. Mas o observador não conseguiu identificar com precisão quem era o estranho. Seu rosto se escondia atrás de uma máscara feita com um crânio de hidralisca.

Uma lâmina de dobra se acendeu na manopla do estranho. Ele descreveu um arco curto com a lâmina na frente da janela. O estandarte dos Daelaam caiu, volteando lentamente no ar até sumir na névoa ondulante.

Um novo estandarte se desfraldou na janela. Este era verde, com a barra rasgada. Vinte e sete cristais roxos tinham sido costurados ao longo do comprimento.

O Nerazim olhou para o céu e seus olhos brilhantes perceberam o observador. Ele não poderia ter visto o drone, a menos que tivesse instalado seus próprios dispositivos de segurança dentro da Cidadela. Talvez tivesse. O drone detectou fontes de energia pulsando dentro do prédio, mas não conseguiu determinar o propósito delas.

Ciente de ter sido identificado, o observador começou a se afastar da janela. Mas já era tarde demais. O Nerazim golpeou e perfurou o casco metálico do drone com sua lâmina.

O observador solitário despencou, deixando fiapos de fumaça em sua trajetória, e desapareceu nas névoas lá embaixo.

Vorazun fincou o cajado no chão e fechou os olhos enquanto a plataforma acelerava, erguendo-a de um dos níveis mais baixos de Talemartos até o nível mais alto da cidade.

As lembranças retornaram. O holovídeo de um transporte nerazim colidindo com um esquadrão de fênix dos protoss de Aiur em órbita sobre Shakuras. Escudos se rompendo, cascos de metal e corpos se desintegrando. Gritos psiônicos de dor emudecendo quando os vinte e sete Nerazim no transporte se tornaram um só com a noite eterna.

Vorazun tinha visto tantas vezes o holovídeo que agora, ao fechar os olhos, aquela era a única imagem que aparecia em sua cabeça. Ela se perguntou outra vez se poderia ter impedido a tragédia. Sempre tinha se oposto à união dos Nerazim com a Armada Dourada, a força militar unificada dos Daelaam. Mas será que não deveria ter feito mais para impedir que seu povo participasse daquilo? Será que agora os vinte e sete não estariam vivos?

Será que o incidente na Cidadela teria ocorrido?

— Quem mais sabe disso? — Vorazun abriu os olhos enquanto projetava os pensamentos no sistema de vínculo psiônico embutido em sua manopla. Uma forte lufada de ar soprou, fazendo seu véu e robe violeta se sacudirem violentamente.

— Pouca gente além do Hierarca Artanis e do Executor Selendis — respondeu Zahan através do vínculo. — Eles estavam supervisionando manobras com a Armada Dourada em outra parte do sistema quando souberam. Vai levar uma hora até chegarem a Shakuras. Enquanto isso, eles

enviaram Mohandar e alguns fanáticos para vigiar a Cidadela. — Depois de uma pausa breve, Zahan acrescentou: — Os outros membros da Hierarquia não foram avisados.

— Inclusive eu, mas isso não me surpreende.

Vorazun compreendia o motivo de Artanis não tê-la contatado. Ela era sua crítica mais aguerrida na Hierarquia. Artanis e os outros protoss de Aiur membros do governo viviam se queixando de Vorazun e suas "tendências nerazim" quando ela ia contra as atividades dos Daelaam. As filosofias coletivistas dos protoss de Aiur os tornavam incapazes de compreender por que alguém iria contra a maioria. Era comum sacrificarem o bom senso no altar da conformidade.

A tensão entre Vorazun e Artanis havia aumentado ultimamente, depois que Artanis deixara de comparecer ao funeral dos vinte e sete Nerazim. Segundo seus conselheiros, ele estivera muito ocupado com a Armada Dourada.

"Muito ocupado". Pensar naquilo enchia o peito de Vorazun de raiva. Como Artanis esperava conquistar sua confiança — dela e dos Nerazim — quando nem sequer se dignava a honrar os mortos?

— Mas Artanis esconder isso dos outros membros da Hierarquia é um tanto surpreendente — disse Vorazun. — Parece que ele não quer fazer alarde. Ele quer resolver isso antes de a cidade

despertar. — Aquela decisão era estranha e pouco ortodoxa para um protoss de Aiur. Artanis só tinha chamado Mohandar, o líder dos Nerazim, para ajudá-lo a lidar com a situação.

— É a coisa certa a fazer. Os protoss de Aiur não vão gostar quando descobrirem que os Nerazim tomaram a Cidadela — respondeu Zahan. — Principalmente depois dos últimos acontecimentos.

Centenas de Nerazim tinham abandonado a Armada Dourada depois do acidente. Isso indignara muitos protoss de Aiur, que viram a deserção como um ato de traição, o que provocara erupções de violência entre membros dos dois grupos. Tensão sempre existira ali, mas a morte dos vinte e sete tinha despertado qualquer coisa de sombrio, fazendo os protoss agir motivados por um ódio que sempre tinham dominado.

— Você conhece as identidades dos responsáveis? — perguntou Vorazun.

— Infelizmente não. Peço desculpas. Eu fracassei.

— Bobagem. Você fez tudo o que pôde, amigo Zahan.

Poucos dos protoss leais a ela eram tão capazes e confiáveis quanto Zahan. Ele fazia parte de uma rede de espionagem que trabalhava para Vorazun coletando informações sobre os Nerazim em Talematros e detectando problemas entre estes e os protoss de Aiur. Se não fosse por Zahan, Vorazun jamais saberia o que estava acontecendo na Cidadela.

E aquilo a deixava especialmente preocupada. Ela encorajava a liberdade de expressão entre seu povo. A maioria dos Nerazim que planejavam realizar protestos contra os Daelaam ou Artanis pedia a aprovação dela primeiro. Talvez os protoss da Cidadela tivessem presumido que ela teria reprovado seus planos. Tomar a sede do governo era um ato extremo, até para Vorazun. Mas podia culpá-los por ir em frente?

Não. Não podia. Não depois de tudo que acontecera. A decisão de Artanis de não comparecer ao funeral era só parte do problema. Depois do acidente, ele e os outros protoss de Aiur membros da Hierarquia tinham continuado os preparativos da Armada Dourada como máquinas frias e sem sentimentos. Não tinham nem preparado medidas para impedir acidentes assim de acontecer de novo. A única coisa que importava para eles era preparar a Armada e lançá-la em sua grande missão para retomar Aiur das garras dos zergs. Na cabeça desses membros da Hierarquia, o que eram vinte e sete vidas perto do destino de toda a raça?

— Como devemos proceder aqui? — perguntou Zahan.

Vorazun considerou a questão enquanto a plataforma desacelerava, parando suavemente no destino. Ela saiu para a névoa pegajosa e o ar frio da noite. Vorazun sabia que não podia mudar o passado. Não podia salvar os vinte e sete. Só podia tentar impedir que mais dos seus morressem em vão.

— Eu mesma vou cuidar disso. Sabemos que não podemos contar com Mondahar.

A estátua da finada matriarca Raszagal assomava sobre Mohandar. O Nerazim ancião e corcunda encarava a efígie de pedra da sua antiga governante, a líder que recebera os protoss de Aiur em Shakuras depois que o planeta natal deles sucumbira aos zergs. Com isso, Raszagal lançou as bases dos Daelaam e mudou o destino dos Nerazim para sempre. A estátua o encarava com o mesmo ar sereno que caracterizava a matriarca em vida.

Mohandar sentiu um arrepio e afastou os olhos da estátua. Havia algo no ar aquela noite. Nunca fora sensível a premonições, não tanto quanto Raszagal, mas uma forte inquietude prendeu seu coração com dedos gélidos. Os arredores vibravam com a discórdia. As trevas do céu crepuscular pareciam infinitas e inclementes.

Ele se perguntou se os dez fanáticos de Aiur que patrulhavam o perímetro da Cidadela também sentiam aquilo. Eles marchavam aos pares no pátio externo do prédio, vigiando todos que se aproximavam. Apesar da cortina de névoa, suas armaduras faiscavam em clarões branco e dourado. Os fanáticos não falavam durante o trabalho — pelo menos Mohandar não escutava nada. Mas sabia que eles estavam compartilhando pensamentos e emoções pelo Khala, o vínculo mental que unia todos os protoss de Aiur.

Mohandar invejava a juventude dos fanáticos. Ele mudou de posição ao sentir outra onda de dor se irradiar de suas juntas velhas. Séculos de vida dificultavam até mesmo ficar em pé por

longos períodos. Em momentos assim, ficava particularmente feliz por não fazer parte do Khala, pois todos saberiam do sofrimento pelo qual passava.

— Mohandar? Quais suas impressões definitivas sobre a questão? — perguntou o Hierarca Artanis pelo sistema de vínculo psiônico no pulso de Mohandar.

O pulso de Mohandar acelerou. Ele se perdera em pensamentos outra vez. Artanis e a Executora Selendis estavam a caminho de Shakuras e o tinham contatado para discutir os planos de remoção dos rebeldes Nerazim da Cidadela.

Artanis devia ter pressentido a confusão de Mohandar. O hierarca dissera: — Remover os Nerazim antes que o resto de Talemattros acorde é o nosso objetivo principal. O tempo urge. Selendis vai liderar um grupo de fanáticos até a Cidadela para prender os rebeldes. Ela me garantiu que não haverá violência.

— Sim — respondeu Mohandar, rapidamente, lembrando-se do que tinham discutido. Ele se sentiu inútil, e não pela primeira vez aquela noite. Suas faculdades mentais vinham se debilitando nos últimos anos numa velocidade alarmante. Ele não tinha contado para ninguém da sua condição, mas presumia que os outros membros da Hierarquia soubessem. — Eu não invejo sua posição — continuou o ancião Nerazim. — Mas seu plano é bom, se nosso objetivo for resolver esse incidente discretamente.

— Que bom que concordarmos. Nós vamos contatar você assim que chegarmos a Shakuras. Mantenha-nos informados de qualquer coisa que acontecer — disse Artanis.

— Como queira, Hierarca.

"Como queira." Essas palavras vinham fáceis à boca de Mohandar. Ele se perguntou se Vorazun e os outros Nerazim que o criticavam não estavam certos. Será que ele tomava muito o lado dos protoss de Aiur, prejudicando seu próprio povo? Por que estava pensando nessas coisas justo naquele momento?

"Era isso que você queria, não era, Raszagal? Os Daelaam? A raça protoss unificada depois de mil anos de separação?" , pensou Mohandar, olhando novamente para a estátua da antiga matriarca. Antes de morrer, Raszagal dissera a Mohandar que as coisas não seriam fáceis, mas que no fim seria tudo para o bem maior.

"Um dia, minha filha entenderá isso também", dissera a matriarca. "Mas só com a sua ajuda."

— Mohandar! — Um fanático chegou rompendo a névoa e o saudou batendo com o punho fechado no peito.

— Sim? — perguntou Mohandar.

O guerreiro apontou para a ampla escadaria que levava ao pátio interno da Cidadela. Um vulto estava parado ao pé da escadaria, uma pequena Nerazim de túnica roxa e cajado. Um crânio de

hidralisca adornava seu ombro, um troféu de um zerg que matou quando os alienígenas invadiram Shakuras havia muito anos.

Vorazun.

— Eu cuido disso — disse Mohandar ao fanático. — Continue sua vigília, jovem.

O ancião Nerazim avançou. Seu cajado de osso de zerg batia contra as pedras cinza do chão. A dor mordeu suas juntas novamente, mas ele não vacilou.

Vorazun observava Mohandar enquanto ele se aproximava. De longe, ela o fazia pensar em Raszagal. Vorazun tinha o mesmo porte altivo, as mesmas feições esguias que tantos Nerazim consideravam elegantes e belas. Mas a similaridade terminava nos olhos. Vorazun não tinha a tranquilidade interior que Raszagal possuía. Não... os olhos da filha tinham qualquer coisa de selvagem. De perigoso.

— *En taro Adun*, ancião — disse Vorazun quando Mohandar chegou à escadaria.

— *En taro Adun*. — Mohandar remoeu alguns pensamentos. Ele não tinha falado muito com Vorazun desde a discussão que tiveram depois do acidente com a Armada Dourada. — Eu esperava que você viesse — disse ele, finalmente. — Nada acontece em Talematros sem que você saiba, mesmo a essa hora da noite.

— Talvez tivesse sido mais fácil você mesmo me chamar.

— O Hierarca Artanis queria manter isso em segredo — respondeu Mohandar.

— Ele também planeja enviar Selendis e uma equipe de fanáticos para cuidar dos Nerazim na base da força bruta. Como você acha que nosso povo vai reagir quando souber, especialmente depois dos acontecimentos recentes? Ele deveria ter pelo menos cogitado em incluir guerreiros Nerazim na equipe.

"Interessante." Ela estava mais bem informada sobre a situação do que Mohandar esperava. Será que tinha gente monitorando as comunicações psiônicas? Não importava. Mohandar também tinha informantes da cidade.

— Artanis pensou nessa opção, mas achou mais sensato usar apenas protoss de Aiur. Invadir a Cidadela é um ato de traição contra os Daelaam. Talvez haja mais Nerazim de conluio com os invasores... talvez até infiltrados entre os militares. Nós temos que apoiar todas as decisões do Hierarca Artanis — disse Mohandar. — A solidariedade é crucial.

— O bem-estar do nosso povo é crucial. Você contatou os Nerazim para ver se eles têm exigências? — disse Vorazun. — Eles devem ter motivo para ter feito isso.

— Até agora eles não fizeram exigências — disse Mohandar. — Eu tentei contatar quem quer que esteja lá dentro, mas ninguém respondeu. Os Nerazim estão controlando os drones sentinelas da Cidadela e os estão usando para selar as entradas com campos de força.

— Entendo. — Vorazun se virou e começou a subir a escadaria.

— Aonde você vai? — Mohandar a seguiu, claudicante.

Vorazun parou, virou o rosto e encarou Mohandar com os olhos brilhando. — Artanis e Selendis vão demorar uma hora para chegar, não é? Então não haverá problema se eu tentar contatar os Nerazim de novo. Eu não vou desistir deles tão fácil quanto você.

A filha de Raszagal subiu a escadaria. A névoa a acompanhava, como se para afastar qualquer um que ousasse segui-la.

Um campo de força azul pálido rebrilhava na alta entrada da Cidadela. Outras barreiras apareciam nas janelas dos níveis superiores do prédio. Nada se movia por trás dos escudos translúcidos.

— Eles devem saber que estamos aqui — disse Vorazun, sentindo sua paciência se esgotar.

— Eles não vão ouvir você. Indivíduos razoáveis não fariam algo assim. — Mohandar bateu com o cajado no chão, remexendo os destroços do observador que tinha caído. — Começar uma discussão só vai dar legitimidade às ações deles. Outros podem acabar se inspirando nisso para atacar os Daelaam. Nossa sociedade agora está unida. Temos que levar em conta o que é melhor para...

— Nosso povo e os protoss de Aiur. — Vorazun completara seu pensamento. — Você sabe que eu apoio a união.

Artanis e os outros membros da Hierarquia nunca compreendiam aquilo. Só porque Vorazun criticava os Daelaam não significava que ela se opunha completamente à união. Só quando essa união se dava à custa do seu povo é que ela se mostrava recalcitrante. Desde que os seguidores do Khala fugiram de Aiur e se refugiaram em Shakuras, testemunhara muitas mudanças em seu lar. Vira os Daelaam exaurindo os recursos do planeta para alimentar a máquina de guerra da Armada Dourada. Vira jovens Nerazim abandonando antigas tradições para abraçar as tradições dos protoss de Aiur. Vira sua cultura se transformar, perdendo importância. *Enfraquecendo*.

Os Daelaam tinham se formado com a promessa de união, mas a balança sempre pendia para os protoss de Aiur. Parecia que eles sempre estavam no controle, mesmo na própria casa dos Nerazim.

— Ao desafiar Artanis, você encoraja os outros Nerazim a tomar atitudes rebeldes — disse Mohandar.

Um tom de culpa maculava seu timbre psiônico, implicando que Vorazun tinha alguma responsabilidade naquele incidente. Se ela estivesse tratando com outra pessoa, teria ficado furiosa. Mas Vorazun não conseguia se irritar com Mohandar. O ancião tinha sido um grande amigo da sua mãe. Depois que Raszagal morreu, Mohandar apoiou Vorazun quando a dor da perda parecia que iria engoli-la. Ela sempre o amaria por isso.

E foi por isso que, quando Mohandar foi nomeado líder dos Nerazim, ela não protestou. Ele era mais velho e servira Raszagal por muitos anos. Nos últimos meses, mais e mais Nerazim tinham começado a procurar a liderança de Vorazun, e não a de Mohandar. Alguns até pediram que o ancião abdicasse da função. Mas Vorazun não apoiou esses pedidos, mesmo se questionando se seria o melhor líder para seu povo. Ele podia ser... só lhe faltava opor-se a Artanis de vez em quando.

— Os Nerazim podem fazer o que eles quiserem — disse Vorazun. — Não é essa liberdade a pedra angular de nosso povo? Não é isso que nos separa dos protoss de Aiur?

— Isso, e muitas outras coisas. — A voz ecoou na cabeça de Vorazun. Não era a voz de Mohandar. Era outra pessoa que ela conhecia.

Vorazun se virou, fazendo a névoa se espiralar ao seu redor. Quem tinha falado se encontrava do outro lado de um campo de força. Seu vulto estava distorcido pela barreira: era apenas uma silhueta vaga com olhos verdes brilhantes. Mas Vorazun reconheceu o timbre de sua voz psiônica.

Taelus. Um dos seus guerreiros, um protoss orgulhoso que ela outrora tutelara em filosofia e combate. Vorazun ficou feliz. Ele certamente a escutaria.

— Tomar controle da Cidadela... — disse Vorazun. — Um feito impressionante, jovem Taelus. Eu aplaudo sua ousadia. Mas esse é um ato de extremismo, do jeito que as emoções andam voláteis na cidade.

Taelus não respondeu. Seu silêncio deixou Vorazun inquieta.

— O que você quer? — Mohandar bateu com o cajado no chão, marcando suas palavras.

Nenhuma resposta.

Vorazun se aproximou da barreira. Sua pele ficou dormente com as ondas de energia psiônica do campo de força. — Eu sei por que você está fazendo isso. Eu estou tão zangada quanto você com a morte dos nosso guerreiros e...

— Não diga mais nada. — A voz de Taelus era agressiva, quase um ataque mental psiônico. — "Palavras sem ação são apenas uma tática para instilar em nós uma falsa sensação de vitória. Para apagar nosso fogo até que só restem cinzas. Se nós nos tornarmos complacentes, os protoss de Aiur da Hierarquia vão conseguir tudo o que querem, pois nós teremos esquecido as razões de nossa luta." Você se lembra dessas palavras, Mestra Vorazun?

— Claro que lembro. — Vorazun tinha dito aquilo fazia mais de um ano, em uma reunião do seu grupo. Ela fizera o discurso em resposta à proposta da Hierarquia de minerar Naszar, uma cordilheira sagrada para os Nerazim. Há séculos, o povo de Vorazun faziam romarias até a região para meditar e treinar seu domínio das forças do Vazio. As montanhas também

continham um dos maiores depósitos de minérios em Shakuras. No fim, Vorazun conseguiu convencer o resto da Hierarquia a abandonar seus planos de explorar o local.

— Mas você já não segue seus ensinamentos — disse Taelus. — Você ficou igual a Mohandar. Outra voz fraca na Hierarquia. Mas o que mais poderíamos esperar da filha de Raszagal?

Mohandar avançou. — Você vai tratar a finada matriarca com respeito.

Vorazun colocou a mão no ombro do ancião para acalmá-lo. Ela estava acostumada a ser comparada com Raszagal. Os outros membros da Hierarquia viviam dizendo que devia tentar se parecer mais com a mãe. Eles usavam o nome de Raszagal como instrumento para perseguir seus próprios fins, algo fácil de fazer agora que a matriarca não estava presente para concordar ou discordar de nada.

Como reação ao uso inadequado do nome de Raszagal, muitos jovens Nerazim tinham começado a vê-la de forma diferente. Eles passaram a ver sua calma inabalável e suas tendências pacificadoras como fraquezas. Vorazun tinha grande parte nessa mudança. Em mais de uma ocasião, criticou abertamente as decisões de Raszagal. Era uma tática para neutralizar os membros da Hierarquia quando eles usassem sua mãe como símbolo. Mas Vorazun sabia que não era só isso. Em um nível mais profundo, também queria se distanciar de Raszagal. Queria se afastar da imensa sombra dela e criar seu próprio legado.

— Eu não desisti da luta — disse Vorazun. — Eu protestei quanto ao acidente, reclamei do modo como Artanis lidou com a situação.

— Isso foi só para acalmar os seus seguidores — respondeu Taelus.

— Não é só isso... — Vorazun pensou no quanto devia revelar, ainda mais com Mohandar presente. Não havia motivo para guardar segredo. — Acho que é melhor os Nerazim abandonarem a Armada Dourada. Nós recebemos os protoss de Aiur em nosso planeta, mas isso não quer dizer que devemos lutar nas guerras deles. Quantos Nerazim vão morrer se nós os ajudarmos a retomar o planeta deles dos zergs? Milhares, até mais. Nós precisamos preservar nossas vidas para proteger Shakuras e nossa cultura, não nos sacrificar por um planeta que não nos pertence.

Mohandar se virou para ela, mas não disse nada.

— Foi para isso que vim aqui — continuou Vorazun. — Os protoss de Aiur planejam enviar soldados para expulsar vocês. Vocês sabem o que vai acontecer se eles conseguirem? Os Nerazim na cidade, em toda Shakuras, vão atacar os protoss de Aiur. Vai haver violência. Talvez mortes. Eu quero proteger você e o resto do nosso povo.

— "Não é melhor morrer com o fogo nos olhos, do que viver e testemunhar nossa cultura desaparecer?" — perguntou Taelus, citando outra parte do discurso de Vorazun. — Diga aos protoss de Aiur para virem. Nós não sairemos em paz. *Korshala Adun*, Mestra.

E então ele sumiu, desaparecendo dentro da Cidadela.

— *Korshala Adun...* — repetiu Mohandar.

— Eu ouvi — respondeu Vorazun. O que Taelus estava pensando? "*Korshala Adun*" era a frase que os Nerazim usavam antes de partir para a batalha. Era uma despedida que significava "Até que nos reencontremos em Adun", e era dita por guerreiros que não esperavam retornar com vida. — Ele não pode estar...

A terra gemeu e sacudiu sob os pés de Vorazun. Seus músculos se retesaram e ela lutou para manter o equilíbrio e ficar de pé. No alto, uma explosão destruiu o topo da Cidadela, iluminando o pátio interno com luz esverdeada. Vorazun agarrou Mohandar pelo braço e o apertou contra o prédio. Fragmentos de pedra caíram sobre eles, batendo no chão com tanta força que Vorazun sentiu o crânio tremer.

Quando o tremor cessou, Vorazun averiguou o dano no alto. Metal retorcido e blocos de pedra rachada eram visíveis onde antes havia uma torra alta e imponente. A explosão não tinha como objetivo destruir a Cidadela. O objetivo era acordar Talemатros.

Taelus, junto com quem quer que fossem os outros, queria uma plateia para o que estava por vir.

— Houve outras — disse Mohandar.

— Outras o quê?

— Explosões. Artanis me contatou pelo vínculo psiônico. Explodiram bombas em alguns estaleiros orbitais. Parece que não houve fatalidades. — Mohandar fez silêncio e voltou a se concentrar na mensagem de Artanis. — O hierarca logo estará aqui. Quando ele chegar, Selendir e seus fanáticos vão se teleportar para a Cidadela e prender os rebeldes.

— Isso é exatamente o que Taelus quer. — Vorazun sacudiu a cabeça. Ela esperava que aquilo fosse apenas um protesto, um ato de desobediência pensado para envergonhar e irritar a Hierarquia. — Ele quer se sacrificar em uma luta com os protoss de Aiur. Como ele pode ser tão tolo? Temos que entrar. Eu posso falar com ele. Ele vai me ouvir.

Mohandar ficou em silêncio, com a postura incerta, enquanto o vínculo psiônico em seu pulso brilhava. Finalmente, disse: — Eu expliquei isso para o Hierarca. Ele acha que é muito perigoso entrarmos sozinhos.

— Ainda há uma chance de resolver isso pacificamente.

— Artanis disse para nos afastarmos .

— Então vá. — As palavras saíram mais duras do que Vorazun pretendia. Ela virou-se de modo a não encarar Mohandar para se recompor. Não era culpa do ancião que aquilo tivesse acontecido. De certa forma, Vorazun temia ser responsável. Como ela não tinha visto esse problema se formando entre seus seguidores? Tinha havido sinais? Ela os tinha ignorado?

Mohandar foi até o campo de força. — Você vai precisar de uma sentinela para atravessar o campo de força, ou de alguma outra arma. Mas nós não temos tempo para isso.

— Nós?

— Sim, "nós". Você tem razão. Se conseguirmos acabar com isso sem a intervenção dos protoss de Aiur, será melhor para todos.

O cajado de Mohandar cantou ao cair no chão de pedra. Ele estendeu as mãos retorcidas na direção do campo de força, o corpo frágil tremendo com o esforço. Um pequeno orbe de energia do Vazio começou a se formar entre suas mãos.

— E então? Vai ficar aí parada ou vai me ajudar? — grunhiu o ancião, num sussurro. — Eu sou velho, mas ainda tenho alguns truques na manga.

Vorazun entendeu imediatamente o que ele estava fazendo. Ela largou o cajado e esticou as mãos, concentrando a mente no que não podia ver. Estendeu as mãos para o nada, para o Vazio ao redor deles, e reuniu toda a energia que pôde. Uma esfera apareceu entre suas mãos, adormecendo a pele das palmas. Vorazun e Mohandar canalizaram a energia no campo de força. Um buraco se abriu na barreira, grande o suficiente para eles entrarem.

Mohandar tropeçou nos destroços de uma sentinela espalhados no corredor interno da Cidadela. Aparentemente, Taelus e quem o acompanhava tinham desmontado a sentinela, arrancado seu gerador de campo de força, usado então para criar uma barreira permanente na entrada da Cidadela. Não era algo fácil. Os rebeldes tinham conhecimentos técnicos e eram astutos. Aquilo os tornava ainda mais perigosos.

— Vamos descansar um pouco. — Mohandar caiu, encostando-se à parede lisa do corredor principal. Atravessar a barreira tinha exigido mais do que ele esperava. Sua mente estava ficando nublada outra vez. Ele queria suas faculdades mentais prontas para o que o aguardava.

— Claro. — Vorazun se apoiou contra a outra parede e deixou o cajado de lado. Ela olhou para Mohandar e seus olhos eram como estrelas verdes no corredor penumbroso. — Obrigada por vir comigo.

— Temos que fazer alguma coisa. Você tem razão nisso — disse Mohandar. — Mas o que você disse sobre retirar os Nerazim da Armada Dourada... — Ele não completou a frase. Não queria tratar do assunto naquele momento, mas ainda estava chocado por Vorazun chegar a cogitar isso.

— Eu confirmo o que disse. Já não basta termos dado aos protoss de Aiur um novo lar? — perguntou Vorazun. — Temos ajudado na criação da Armada Dourada? Eu não quero que os Nerazim morram numa guerra que não nos diz respeito.

— Aiur é o lar de todos os protoss — respondeu Mohandar. — Não importa se vivemos lá ou não. Como símbolo, Aiur representa todos nós.

— E qual será o preço para reconquistarmos esse símbolo?

— É a perda de vidas que incomoda você? Ou a ideia de que alguns do nosso povo um dia podem escolher viver em Aiur se a Armada Dourada tiver sucesso?

— As duas coisas — disse Vorazun.

Sua honestidade surpreendeu Mohandar, e ele não soube o que dizer. O ancião ficou encarando a jovem Nerazim em silêncio. Talvez fosse a penumbra, mas ele se lembrou novamente da semelhança de Vorazun com a mãe.

Mohandar se lembrou da estátua de Raszagal e do legado da matriarca. Como os Nerazim se recordariam de Mohandar quando ele morresse? Diriam que tinha apenas "esquentado a vaga" enquanto Vorazun não assumia? Que tinha sido um líder sem brilho, vivendo à sombra de Raszagal e depois de Vorazun?

Apesar das circunstâncias, esses pensamentos aquietaram a alma de Mohandar. Eram pensamentos enraizados nas ideologias de individualismo e legado dos Nerazim. Os protoss coletivistas de Aiur não se preocupavam com essas coisas. Pelo menos, não a maioria deles.

Se Mohandar tinha alguma chance de fazer a diferença para seu povo, certamente isso teria algo a ver com Vorazun. Ele não tinha intenção de manipulá-la. Vorazun era livre para escolher como queria viver. Tudo o que ele podia fazer era dar o exemplo.

— Você só vê as diferenças entre o nosso povo e os protoss de Aiur — disse Mohandar.

— Nós somos diferentes — disse Vorazun. — É isso que nos torna únicos.

— Sim. Mas também somos os mesmos. O que define *todos* os protoss é nossa disposição de nos colocarmos em perigo para proteger os outros. De nos sacrificarmos pelo bem geral.

— "O bem geral". É isso que define os protoss de Aiur — respondeu Vorazun.

— Também define o nosso legado. Sempre foi assim, desde que o primeiro Nerazim saiu de Aiur para buscar refúgio aqui.

— Eles não "saíram". Eles foram expulsos — respondeu Vorazun.

— Porque os Nerazim eram diferentes. Os protoss de Aiur os temiam por isso. E apesar do que foi feito ao nosso povo, sua mãe recebeu os seguidores do Khala aqui quando eles precisaram. Raszagal fez isso porque sabia que, se virasse as costas a eles, não seria melhor que os protoss que fizeram o mesmo aos primeiros Nerazim.

Mohandar se afastou da parede e, com o andar vacilante, aproximou-se de Vorazun. — Nós *temos* que ser melhores. Nós *podemos* ser melhores — disse o ancião. — Nossa cultura é forte o bastante para sobreviver aos Daelaam. Não temos que sacrificar nossa união para preservá-la. Se você convencer nosso povo a abandonar a Armada Dourada, você estará traindo nosso orgulho e nossa honra — os costumes Nerazim que você lutou tanto para proteger.

Vorazun não disse nada. Seus olhos se estreitaram enquanto ela ponderava as palavras de Mohandar.

— Eu estou velho — continuou Mohandar. — Quando eu morrer, você se tornará a matriarca do nosso povo. Eles seguirão você como seguiram sua mãe, como me seguem agora. Suas palavras decidirão o destino deles. E você tem que encontrar o equilíbrio entre defender o nosso povo e a união.

Mohandar ergueu a mão enrugada. O vínculo psiônico em seu pulso brilhava. — Artanis e Selendis logo transdobrarão para a cidade. Temos que avançar. Rápido. Se Taelus não ouvir a voz da razão, você está preparada para enfrentá-lo?

— Ele vai me escutar — insistiu Vorazun.

Mas Mohandar pressentiu a inquietude e a confusão em seus pensamentos. "*Korshala Adun*" não era uma frase usada levemente. Recuar de uma declaração de sacrifício era um ato covarde.

— Venha — disse o ancião, prosseguindo pelo corredor. — Vamos ver o que nos aguarda.

Eles atravessaram a Cidadela em silêncio e então chegaram à câmara interna. A enorme porta que levava ao interior estava aberta, um convite ao desconhecido que os aguardava lá dentro. Vorazun entrou primeiro, os músculos tensos e a mente alerta. Ela parou no umbral, chocada com o vandalismo meticuloso que a sala de reuniões dos Daelaam tinha sofrido.

As antecâmaras e corredores da Cidadela não tinham decoração nem marcas distintas de qualquer tipo. Mas a parte central, onde a Hierarquia trabalhava, era diferente. O lugar mudara ao longo dos anos. Em seu aspecto atual, havia padrões intrincados nas paredes e estandartes coloridos representando as várias tribos protoss. Painéis de cristal dos lados da sala exibiam miríades de estrelas e galáxias, projeções em tempo real do espaço gravadas por satélites orbitando Shakuras.

Tudo agora estava diferente. Os belos padrões nas paredes tinham sido escavados. Os painéis de cristal estavam em cacos. Os estandartes coloridos tinham sido arrancados, com a exceção dos dos Nerazim. No lugar deles havia longos pedaços de tecido enfeitados com vinte e sete gemas brilhantes — versões menores do estandarte gigante que tremulava perto da Cidadela.

Taelus não estava sozinho. Ele estava junto de outros quatro Nerazim, com os rostos parcialmente cobertos por máscaras feitas com os crânios de hidraliscas. Os cinco rebeldes

estavam ao redor de uma mesa enorme de metal, onde a Hierarquia se reunia. No alto brilhava uma imagem holográfica da Cidadela. Informações passavam pela holografia. Aparentemente, Taelus e seus seguidores tinham assumido controle de todos os aparatos de segurança da Cidadela.

Vorazun observou os outros rebeldes Nerazim enquanto Mohandar se aproximava. Apesar das máscaras que eles usavam, ela reconhecia seus traços. Os aliados de Taelus eram jovens guerreiros que tinham comparecido para ouvir os discursos dela antes. Todos tinham uma lâmina de dobra e usava túnicas roxas.

Os cinco rebeldes pararam de olhar a imagem holográfica e encararam os recém-chegados. Eles não deram um passo na direção de Vorazun ou Mohandar. Havia algo calmo e confiante em seus modos.

— Nós vimos vocês atravessando o campo de força. — Taelus fez um gesto para o holograma. Sua voz traía sua impaciência. — Vocês estão perdendo tempo. Eu não tenho mais nada para dizer a vocês. Se vocês não vieram se unir a nós, vou presumir que vieram para tentar nos deter.

— Me escutem, por favor — implorou Vorazun. Ela sabia que só tinha uma chance de trazer Taelus para o seu lado. — Você me conhece. Você sabe o que eu estou tentando...

— Eu conhecia você. — As palavras de Taelus queimavam com a fúria gélida de uma lâmina de dobra Nerazim. A força delas causou um pico de dor na mente de Vorazun. — Eu vivi à sua sombra por muitos anos. Aprendi sobre os nossos costumes com você. Eu amadureci armado com sua sabedoria e o seu treinamento. Mas eu tenho minha própria sombra agora. Eu descobrir que a sua sombra... ficou vazia.

— O que vocês esperam ganhar aqui? Vocês vão se sacrificar para incitar a violência entre os protoss. Enquanto Vorazun falava, percebeu uma mudança em Mohandar. Sua forma irradiava intensas energias psiônicas, como um músculo tensionado e pronto para liberar sua força.

— De certa forma, nós vamos dar ao nosso povo o impulso de que ele precisa pra se livrar dos Daelaam e sua guerra tola — respondeu Taelus. — Sim, haverá violência. Sim, alguns protoss de Aiur e os Nerazim vão morrer. Mas as perdas que nosso povo vai sofrer serão bem menores do que as que vão ocorrer se nós tomarmos parte na invasão de Aiur.

Um orbe vermelho brilhante surgiu sobre o holograma da Cidadela, flutuando no ar e piscando suavemente.

— Os sensores detectam um prisma de dobra acima de nós — informou um dos seguidores de Taelus. — Selendis e seus fanáticos. Eles estão fazendo uma varredura nos corredores.

Vorazun percebeu que não havia tempo para debater. Ela e Mohandar tinham que agir.

Embora quisesse muito acreditar que Taelus e os outros iriam ouvir a voz da razão, sabia que isso não aconteceria. Assentiu para Mohandar e então se preparou para o que estava por vir.

— Se é sangue de protoss de Aiur que vocês querem derramar, terão que derramar o nosso antes — disse Mohandar.

Os rebeldes trocaram olhares desalentados — mas não Taelus. Ele entrou em posição de batalha. Seus olhos verdes encaravam Vorazun com fúria fria e determinada.

"Lembre-se do que eu disse, minha jovem. Você precisa encontrar o equilíbrio..." A voz de Mohandar ressoou serena na mente de Vorazun, de forma que apenas ela ouviu. Ela olhou em seus olhos e viu uma sombra fugaz de alívio e tristeza.

E então Mohandar sumiu. Seu cajado caiu e uma nuvem de fumaça oleosa ficou pairando no local em que ele estava. Meio segundo depois, o ancião se rematerializou atrás de um dos rebeldes Nerazim. Mohandar deu um tapa no toco que restava dos cordões nervosos do guerreiros. Um clarão de energia do Vazio esverdeada faiscou no ponto de impacto. O corpo do jovem Nerazim desabou antes que ele pudesse reagir e ficou prostrado no chão, imóvel.

Ele não estava morto, apenas inconsciente. Mohandar forçara um pico de energia do Vazio nos cordões nervosos do inimigo. Uma manobra de combate não letal desenvolvida pelos Nerazim.

Lâminas de dobra esverdeadas sibilaram ao sair dos punhos de Taelus e dos rebeldes. Eles avançaram na direção do camarada tombado, mas Mohandar escondera-se nas sombras novamente. Ele era mais ágil do que Vorazun imaginava.

Ela se aproveitou da distração. Vorazun avançou mentalmente em busca das energias do Vazio que ficam além do véu do mundo físico. Um fogo frio, já familiar depois de uma vida de treinamento, acendeu-se em seu peito e se expandiu pelos ossos. Ela teceu a energia primeva ao seu redor, usando-a para se camuflar e saltar em alta velocidade.

Ela reapareceu perto do rebelde Nerazim mais próximo, um jovem cujos tocos dos cordões nervosos eram adornados com ossos zergs. Vorazun atingiu o punho do guerreiro com o calcanhar, estilhaçando-lhe a manopla. A lâmina de dobra do rebelde engasgou e desapareceu. Vorazun girou e deu um tapa no toco dos cordões nervosos dele, inundando seu corpo com energias do Vazio. O guerreiro caiu de joelhos e desabou no chão.

No tempo que Vorazun levou para incapacitar um Nerazim, Mohandar já tinha cuidado dos outros rebeldes. Ele se apoiou na mesa central, tremendo de cansaço.

Vorazun procurou Taelus na sala. Ele tinha sumido.

No meio de um ataque.

Vorazun pulou para evitar o ataque, mas nada aconteceu. E então...

Taelus reapareceu de dentro de uma nuvem de fumaça. Ele era um borrão de roupas roxas, gemas verdes e ossos zergs que chacoalhavam. Sua lâmina de dobra desenhou um crescente esverdeado no ar e ele golpeou, fincando a arma bem no meio das costas de Mohandar. A ponta da lâmina apareceu no peito do ancião. Foi um golpe só, preciso e letal.

Taelus deu um salto para trás e se camuflou outra vez. Mohandar caiu sobre a mesa e seu corpo atravessou o holograma da Cidadela. Ele estremeceu uma, duas vezes. Agarrou-se às bordas tentando reunir as forças que lhe escapavam.

— Mohandar! — Vorazun avançou até a mesa. Ela largou o cajado e segurou o ancião antes que ele caísse no chão. Ajoelhou-se com ele nos braços, sangue roxo empapando suas vestes.

Mohandar encarou Vorazun com olhos que se apagavam. Seus dedos nodosos e ossudos acariciaram o rosto dela.

— Matriarca Raszagal... eu senti sua falta... — A voz do ancião era um sussurro fraco, já quase sem vida. — Você voltou... mas... como...? Como...

Ele morreu nos braços de Vorazun.

Ela ficou parada com o ancião nos braços, sem acreditar. Ele não estava morto. Não podia estar morto.

Mas estava. Ela sabia que sim.

Raiva e mágoa se incendiaram dentro dela, destruindo sua descrença. Seu corpo tremia com as emoções fora de controle. Uma aura faiscante de energia do Vazio crepitou atrás dela e tentáculos de energia verde irromperam para todos os lados.

— Taelus! — gritou Vorazun.

Uma onda de calor atingiu a face direita de Vorazun. O instinto tomou conta. Apanhou o cajado do chão e afastou o corpo de Mohandar para o lado. Deu uma cambalhota para trás no instante em que Taelus atacou. A lâmina de dobra rasgou o ar e atingiu a mesa.

— Você não é o guerreiro que eu treinei! — A força do grito psiônico de Vorazun sacudiu as paredes vandalizadas. Ela concentrou energias do Vazio no cajado, ativando lâminas de dobra nas pontas da arma. Girou o cajado, testando sua força.

— Você me disse que, quando vivemos muito tempo à sombra de alguém, nunca descobrimos quem nós realmente somos e do que somos capazes. — Taelus deslizou para a direita de Vorazun, sua lâmina de dobra ainda ativada e cindindo o ar.

— Então é esse quem você realmente é? Esse é o legado que você escolheu deixar? Um legado de sangue? — Vorazun se movimentou pela sala, acompanhando os movimentos de Taelus. — De assassinato?

— Eu escolhi um futuro onde os Nerazim podem ditar o próprio destino. Eu escolhi um futuro em que podemos ter orgulho, em que não seremos estranhos no nosso próprio planeta!

Treze luzes vermelhas apareceram no holograma da Cidadela. Selendis e seus fanáticos tinham se transdobrado para os níveis superiores do prédio. Os sistemas de segurança os rastreavam enquanto eles desciam para a câmara de reuniões. Vorazun olhou para as luzes e depois para Taelus.

— E você vai me matar também? — perguntou ela.

— Se for preciso. *Korshala Adun.*

— *Korshala Adun.*

Os dois guerreiros se esconderam nas sombras ao mesmo tempo.

Vorazun usou toda sua força de vontade para deixar a raiva de lado. Ela não a ajudaria. Aquele duelo era de guerreiros Nerazim, um teste de força de vontade e paciência. Bastava um golpe para decidir quem vivia e quem morria.

Ela sentiu movimento à esquerda e se jogou na direção do vulto desconhecido. Avançou até julgar que o adversário estava a distância de ataque. Naquele instante ela saiu do manto de sombras e golpeou com a arma.

Taelus fez o mesmo. Ele previra bem os movimentos de Vorazun.

Mas não bem o bastante.

Sua arma cortou o ombro desprotegido de Vorazun no mesmo instante em que uma das lâminas de dobra do cajado atravessou seu peito. Um gêiser de sangue roxo irrompeu da ferida de Taelus, jorrando na mesa. O jovem guerreiro caiu.

Vorazun lutou contra a dor que mordida seu ombro. Não era uma ferida séria. Foi até Taelus com a intenção de golpeá-lo outra vez, mas, vendo-o ali, à beira da morte, sentiu a raiva se dissipar. O guerreiro era como um filho para ela.

Confusão e perda dominaram Vorazun. Ela tinha ido ali para proteger os Nerazim, para impedir o derramamento de sangue. E tinha fracassado.

— Eu fiz isso... pelo nosso povo... — A voz de Taelus era fraca, um fantasma que falava do Vazio.

— Eu sei. — Vorazun largou o cajado e se ajoelhou ao lado do jovem guerreiro. Ela pegou sua mão, esperando que ele a rejeitasse. Mas não rejeitou. Taelus segurou a mão dela com uma força surpreendente.

— Eu vou... para a noite eterna... — disse Taelus. — Proteja nossa cultura... como você prometeu...

— Eu vou proteger — disse Vorazun, enquanto os olhos de Taelus escureciam e finalmente se apagavam. — Eu vou proteger...

De fora da câmara vieram os passos pesados de Selendis e dos seus fanáticos de armadura. Vorazun os ignorou, com a atenção fixa nos mortos. De um lado jazia Mohandar. Do outro, Taelus. Dois Nerazim que ela amara, cada um de uma maneira diferente.

Um era professor; o outro, estudante. Um era o passado; o outro, o futuro.

E no meio, presa entre os dois, estava Vorazun.

— Ela está saindo agora — disse Selendis pelo vínculo psiônico. — Nós vamos levar os outros.

Sua voz não traía emoção nenhuma, mas Artanis sentiu a agitação de Selendis pelo Khala. Ele mal conseguia conter sua própria inquietude e sua raiva, que fervilhavam no manancial comum de emoções que unia os protoss de Aiur. Nada tinha saído como planejado.

Nada.

Artanis compreendia por que Vorazun e Mohandar não tinham obedecido suas ordens. Os Nerazim rebeldes tinham planejado se sacrificar nas mãos dos protoss de Aiur desde o começo para iniciar uma revolução em Shakuras. A intervenção de Mohandar e Vorazun deteve o plano, mas a um preço alto.

Sua mente se voltou para o relatório que Selendis lhe entregara sobre a morte de Mohandar. Artanis ainda lutava para aceitar que o ancião tinha partido. Mohandar fora um dos membros mais sábios da Hierarquia e um aliado crucial nas relações com os Nerazim.

"Eu podia ter impedido isso", pensou ele. "Eu devia ter enviado uma equipe de fanáticos antes que a explosão despertasse a cidade... antes de Mohandar e Vorazun entrarem."

Além disso, Artanis sabia que devia ter feito mais para apaziguar os ânimos dos Nerazim depois do acidente com a Armada. Circunstâncias além do seu controle tinham impedido isso. Os Nerazim não foram as únicas baixas naquele dia: dois pilotos de fênix — dois seguidores do Khala — também tinham perdido a vida. Muitos protoss de Aiur vociferaram depois do incidente. Culparam os pilotos Nerazim da nave de transporte pelo que tinha acontecido. Até alguns dos guerreiros de Artanis quiseram parar de lutar ao lado dos Nerazim, defenderam a separação do exército em dois para evitar futuras catástrofes.

Artanis escolhera usar seu tempo acalmando esses protoss de Aiur em vez de comparecer ao funeral dos Nerazim. Não foi uma decisão fácil. O que quer que fizesse, correria o risco de afastar metade dos Daelaam. Mas sabia que manter a força central da Armada era crucial, e isso significava se concentrar nos servidores do Khala, não importavam as consequências.

Tinha levado dias até Artanis acalmar as tensões entre os protoss de Aiur. No fim, eles compreenderam que a missão da Armada era mais importante que suas dúvidas pessoais. Por meio do Khala, o povo de Artanis tinha encontrado o equilíbrio e retornado a um estado de

cooperação. Mas os Nerazim, não. Muitos tinham permanecido amargurados, sem conseguir perdoar nem o incidente nem o modo como Artanis cuidara dele.

Muitos, entre eles Vorazun. Com Mohandar morto, ela se tornaria a líder dos Nerazim. Isso deixava Artanis inquieto. Ele e ela raramente concordavam com alguma coisa, mas Artanis se surpreendera com as ações que Vorazun tomara naquele dia. Ela arriscara a vida para deter os rebeldes Nerazim. Teria sido para minar a autoridade de Artanis em Talemattros? Ou teria intenções mais nobres?

Artanis não sabia. Ele não sabia mais o que pensar de Vorazun.

Ele ficou andando ao pé da escadaria que levava à Cidadela, de olho na multidão reunida. Quando Artanis se transdobrou até Shakuras, centenas de protoss já tinham chegado ao prédio. Eles tinham formado dois grandes grupos: os protoss de Aiur, em suas vestes elegantes em azul e dourado, e os Nerazim, em seus trajes puídos, escuros, envoltos em troféus de osso dos zergs. Corriam rumores sobre o que aconteceu na Cidadela. Insuflados pelos boatos e por raiva recalcada, os dois lados estavam perto de explodir em violência.

Artanis tinha convocado dezenas de fanáticos de armadura para impedir o derramamento de sangue. Ele também tinha convocado guerreiros Nerazim para ajudar, apesar de suas reservas anteriores sobre usá-los na equipe de ataque de Selendis. Os soldados Daelaam agora se postavam entre os protoss de Aiur e a multidão de Nerazim, uma linha de defesa tênue caso a violência irrompesse.

Um murmúrio baixo de vozes psiônicas se ergueu da multidão. Os olhos dos protoss de Aiur e dos Nerazim se fixaram em um ponto perto do ombro de Artanis. Ele se virou e viu o que eles viam: um vulto na névoa que se dissipava, parado no topo da escadaria.

Era Vorazun, e ela carregava um corpo nos braços.

Os braços de Vorazun queimavam de fadiga. Sangue roxo escorria da ferida em seu ombro. Ela se ajoelhou e depôs Mohandar a seus pés. Quando se levantou, ouviu as vozes psiônicas da multidão, um coro que se erguia descontente e alto como os ventos antes da tempestade.

— Comportamento típico de Nerazim. Traidores.

— Como vocês, protoss de Aiur, podem julgar quando nem conhecem os fatos?

— A Cidadela pertence aos Nerazim! Nossos ancestrais a construíram!

— É assim que os protoss de Aiur resolvem seus problemas? Na força bruta?

— Parece que só assim é que funciona com vocês, Nerazim.

— Você está vendo o cadáver? É Mohandar!

Vários Nerazim usando véus longos e negros no rosto investiram contra os soldados Daelaam que se postavam entre eles e os protoss de Aiur. A ameaça de violência se espalhava como uma doença infecciosa. Mais protoss começaram a forçar de um lado e de outro para romper a barreira dos soldados.

— Parem! — Vorazun se esforçou para projetar sua voz psiônica por cima do barulho da multidão, mas não adiantou.

— *Mohandar está morto!* — gritou um Nerazim, sem ser visto. — Isso é coisa dos protoss de Aiur!

— Fomos nós! — respondeu Vorazun. — Nós fizemos isso!

Dessa vez a multidão a ouviu. Um por um, os protoss foram se aquietando e se voltando para Vorazun. A inquietude era evidente nos rostos dos Nerazim. Os protoss de Aiur não demonstravam claramente o que sentiam, mas Vorazun sabia que, imersos no Khala, eles também deviam estar confusos.

— Foi um Nerazim que matou Mohandar — continuou Vorazun —, e foram os Nerazim quem tomaram controle da Cidadela. Eles queriam nos voltar contra os protoss de Aiur e dividir os Daelaam. Mas... — Vorazun se interrompeu, sem saber o que dizer em seguida.

Ela olhou para o vulto amarrotado e sem vida de Mohandar. Com o ancião morto, a liderança dos Nerazim recairia sobre Vorazun. Ela tinha o poder de decidir o futuro do seu povo. Do seu mundo.

Vorazun podia persuadir os Nerazim a abandonar a Armada. Ela salvaria vidas Nerazim assim, mas seu povo seria lembrado por voltar as costas aos protoss de Aiur na hora de maior necessidade. Uma decisão extrema assim não era a resposta. Só serviria para criar mais rancor entre Nerazim e os protoss de Aiur, o que por sua vez criaria novos rebeldes violentos como Taelus. Os Daelaam não sobreviveriam a essa tensão e se desintegrariam para sempre.

Mohandar estava certo: os Nerazim podiam ser melhores que isso. Vorazun precisava encontrar um equilíbrio entre a união e a proteção ao seu povo. Aiur era crucial para encontrar esse equilíbrio.

— Eu sei que muitos do nosso povo temem o nosso futuro — disse Vorazun, finalmente. — Eu também temo. O esforço dos Daelaam não tem sido fácil. Testou nossa força de vontade. Mas nós somos Nerazim. Nossos ancestrais enfrentaram o desconhecido e vieram para este planeta para criar uma nova identidade. Não precisamos abandonar nossos aliados pra preservá-la. Ela é forte o bastante para sobreviver a *tudo*, não é?

Vorazun viu uma mudança nos Nerazim reunidos. Mudanças sutis de postura e expressões faciais revelaram que eles concordavam com ela. A raiva tinha se dissipado.

— É nosso dever apoiar os Daelaam e ajudar os protoss de Aiur a reconquistar nosso planeta natal — continuou Vorazun, e sua voz ficou mais forte. — Vidas serão perdidas na guerra, mas serão perdidas por uma causa justa. E, no final, na vitória ou na derrota, nós permaneceremos Nerazim!

A multidão se dispersou pacificamente. Então os fanáticos levaram os prisioneiros Nerazim para fora da Cidadela. Campos de força azuis brilhantes envolviam os jovens rebeldes. Grilhões de metal acobreado, zumbindo de poder psiônico, prendiam-lhe as mãos. Nenhum dos rebeldes encarou Vorazun nos olhos ao passar por ela. Ela falaria com eles depois.

Os últimos dois fanáticos carregaram o corpo de Taelus.

— Coloquem-no aqui. — Vorazun foi até onde jazia o corpo de Mohandar.

— Ao lado de Mohandar? — perguntou um dos fanáticos. — Este aqui é um assassino.

— Ele merece ritos funerários mesmo assim. Esse é o costume dos Nerazim.

Depois de hesitarem brevemente, os fanáticos colocaram o corpo de Telus no chão. Vorazun se ajoelhou para inspecionar o Nerazim morto. Sangue empapava suas vestes na altura do peito, onde ela dera o golpe fatal. Tocou a testa dele e sussurrou: — Você lutou bem, jovem.

— É bem nobre da sua parte mostrar seus respeitos a ele.

Artanis se aproximou de Vorazun, usando a panóplia dourada de batalha. Ajoelhou-se perto de Mohandar e pegou uma das mãos frias e ressequidas do ancião.

— Ele fez o que acreditava ser melhor para o seu povo — respondeu Vorazun. — E ele era um amigo.

Artanis aquiesceu. — Eu já perdi muitos amigos, e temo que vamos perder muitos mais nos dias que virão. Mas, com o apoio dos Nerazim, eu sei que podemos prevalecer e reconquistar Aiur. Obrigado pelo que você disse e pelo que você fez na Cidadela. Você será uma grande líder para o seu povo.

— Você vai apoiar minha ascensão?

— Vou.

Isso surpreendeu Vorazun. Ela olhou de Taelus para Artanis e o encarou. — Eu vou ajudar com a invasão como eu puder — disse Vorazun. — Mas eu não sou Mohandar, e eu não sou Raszagal. Não posso comprometer todas as minhas forças com a guerra e deixar este planeta indefeso. Assim, eu vou ficar aqui com um contingente de guerreiros e vigiarei Shakuras.

— Eu compreendo e vou respeitar essa decisão. — Artanis se levantou e ofereceu a mão para Vorazun. — Você sabe o que é melhor para o seu povo e seu planeta.

Vorazun segurou a mão do Hierarca e se ergueu.

— Para onde devemos levá-los agora? — Artanis fez um gesto para os corpos. — Se me permite, quero carregar Mohandar e participar do rito funerário.

— Você vai ter tempo, com as preparações da Armada? — Vorazun sabia que Artanis podia se ofender com a pergunta, mas era uma dúvida legítima. Ela se surpreendeu ao ver que o Hierarca não demonstrava irritação nenhuma.

— De agora em diante, eu vou arranjar tempo.

Vorazun aquiesceu e ergueu Taelus nos braços. Artanis fez o mesmo com Mohandar.

Juntos, eles desceram a escadaria da Cidadela. Cristais verdes e vermelhos se acenderam no nível mais alto de Talemattos, sinalizando o começo de um novo dia.

E, entre as estrelas no céu, invisíveis a olho nu, dezenas de milhares de protoss continuavam as preparações para a Armada Dourada. Em breve, eles partiriam para Aiur. Muitos Nerazim que iriam junto jamais regressariam. Mas eles sempre seriam lembrados, e das suas sombras, um novo e glorioso legado surgiria.